



Brasil Rotário

julho, 1996

**Construa o Futuro
com Ação e Visão**



Luis Vicente Giay e Celia Giay

*Presidente do Rotary International
e Primeira Dama para 1996-97*

nt. 306949

SYSNO	906949
PROD	001862

ACERVO EESC

O paradoxo do sucesso do mercado

0692p

Alfredo Colenci Júnior*

Partindo do princípio que a Economia é a ciência dedicada a conciliar recursos limitados às ilimitadas necessidades, pode-se entender que essa conciliação se apóia em minimizar os efeitos de uma inequação original, caracterizada por um equilíbrio sempre instável obtido, ciclicamente, ao longo do tempo. O balanceamento "recurso-necessidades" é sempre regido por forças de mercado, que não são neutras, mas direcionadas por interesses especulativos.

Dessa forma, está pleno de razão G. Soros, em recente entrevista à revista **Veja**, ao colocar que "a falsidade, a meu ver, é a idéia que impera no mundo, de que os mercados são perfeitos e, portanto, tendem ao equilíbrio. Estou convencido de que os mercados são imperfeitos e de que no futuro podem nos conduzir a um formidável colapso na economia do planeta. Vivemos, constantemente, no que chamo de desequilíbrio dinâmico. Ninguém quer reconhecer isso agora, porque estamos nadando em prosperidade".

Com essa verdade concorda de maneira quase intuitiva, o comentarista Delfim Netto em recente artigo na Folha de São Paulo, complementando com o pensamento keynesiano: "Os economistas gastam a maior parte do seu tempo descrevendo e discutindo o que acontece nas posições de equilíbrio e sempre garantem que qualquer posição de desequilíbrio é transitória. Eu desejo estudar o que acontece durante o período de desequilíbrio, aqueles que duram o tempo suficiente para serem observados" e nos lembra a afirmação de Keynes: "A teoria econômica é, essencialmente, uma ciência moral e não uma ciência natural".

Cabe estabelecer que os desequilíbrios provocam situações críticas e altamente turbulentas, marginalizando todos os segmentos populacionais que não são contemplados pelo atendimento de suas necessidades mínimas. Assim, se G. Soros se coloca ao lado dos vencedores com sua visão de prosperidade, cabe lembrar Robert Kurz, que pontifica estar o mundo dividido entre vencedores e perdedores, numa relação 20%: 80%. No Brasil essa relação está agravada por uma concentração de resultados ainda maior, com impossibilidade de minorar a situação paradoxal criada pela irracionalidade do mercado, chamado hoje neoliberal, guiada pela concentração de recursos e de poder.

Conforme Delfim Netto, "a libertação descuidada dos mercados, a submissão do processo produtivo aos interesses da especulação financeira, a acumulação do lucro pela simples arbitragem dissolvem os valores da sociedade porque no mercado financeiro não há mão invisível que compatibilize o bem individual como bem coletivo".

Para ocorrer o equilíbrio na inequação recursos-necessidades, devem ser impostas restrições para que os lados se equilibrem. A quem caberá tal responsabilidade? Haverá so-

berania para isso? Na visão neoliberal a racionalidade empresarial é guiada pela expectativa do lucro, animador maior das decisões, e assim sendo, o capital terá, como já vem demonstrando ter, a trajetória oligopolista, polarizando resultados celeremente e democratizando apenas encargos.

Assim, a situação paradoxal se revela pela acumulação oligopolista, pela exclusão de grande parcela da população da sociedade economicamente indexada, pelo excesso de bens em oferta e mal distribuídos mundialmente e por uma crescente e quase indomável insatisfação geral, dada a condição de risco criada pela instabilidade sempre presente, gerando condições permanentes de insegurança a ameaçar mesmo os vencedores.

"A conversão do mundo comunista ao capitalismo, o avanço da indústria tecnológica como a principal da economia, as rápidas alterações da demografia mundial, a globalização do processo econômico e a ausência de uma liderança político-militar dominante no mundo, representa uma nova camada em sedimentação, que está a clamar mudanças estruturais," afirma Lester Thurow.

"O que chamamos de globalização não é o sucesso da Internet nem a difusão de filmes americanos em todo o mundo, mas, sobretudo, a criação de uma economia financeira a um só tempo globalizada e controlada pelos grandes bancos dos EUA, do Japão e em menor grau, da União Européia, já que esta é, simultaneamente, um gigante econômico e um anão político. O entusiasmo liberal de hoje não prosperará, e veremos a irrupção de reações nacionalista. Se forem de natureza religiosa, não constituirão grande ameaça mas podem ser extremamente perigosas se apoiadas pelo autoritarismo de potências econômicas. A desordem mundial da atualidade está em vias de preparar uma nova geração de regimes totalitários..." (Alain Touraine, Folha de São Paulo, 28.04.96).

Assim, será efêmera a conquista dos vencedores, uma vez que o processo de exclusão é inexorável e o equilíbrio passará a ser responsabilizado pela lógica natural da sobrevivência, mais que por valores morais. Já é inadiável a necessidade de se adotar novos paradigmas para o estabelecimento de um modelo político-econômico e social para o Brasil, onde o estado tenha o papel fundamental de promover a regulamentação e garantir seu controle eficiente e eficaz, com a competência necessária, para uma ação distributiva, de modo a contemplar os excluídos, oferecendo-lhes condições dignas de vida, que também será produtiva e útil, com o emprego de tecnologias adequadas à sua condição, como defendeu H. Rattner.

Há urgente necessidade de mudança dos paradigmas; mas quem a promoverá? Os vencedores, rejubilando-se nos louros confortáveis de uma vitória que será vã e efêmera, obtida das vantagens auferidas de um desequilíbrio dinâmico, não percebem tal necessidade, e dificilmente a patrocinarão, aproveitando-se de uma antecipação estratégica; os perdedores, pela sua própria condição, certamente não reúnem as prerrogativas para uma negociação ou para o desenvolvimento de uma ação integrada. Resta, então, aguardar-se o limite da extremada polarização para que, no limiar do lógico suportável, uma ação revolucionária se estabeleça e então... Bem, então, salve-se quem puder! ☼

* O autor é sócio do **Rotary Club de São Carlos-Bandeirantes**, SP(D.4540), é professor de Engenharia de Produção na Escola de Engenharia de São Carlos-USP.